

# A TEORIA DA PRÁTICA

Rafael Camorlinga (UFSC)

ROSEMARY ARROJO, **Oficina de Tradução - A teoria na prática**, Editora Ática, série PRINCÍPIOS, nº 74, São Paulo, 1986. 85p.

Este pequeno livro consta de sete seções ou capítulos, cuja extensão varia de 3 a 11 páginas, mais o Vocabulário crítico e a Bibliografia comentada.

A autora justifica, em primeiro lugar, a escolha do título, diretamente traduzido do inglês, onde o uso de "oficina" (workshop) para atividades acadêmicas é bastante comum. A associação **Oficina + Tradução** em português faz com que a metáfora fique mais expressiva e o título mais sugestivo.

O conceito mais freqüente de tradução e tradutor é o de transferência e transportador, respectivamente. A ênfase coloca-se na correspondência entre o original e a língua-alvo, respeitando o triplo princípio enunciado por A. F. Tytler: totalidade, fidelidade e legibilidade.

Pierre Menard, criação de Borges, e as figuras históricas de Descartes, J. Wilkins, e R. Lull entre outros, cultivaram o sonho de uma linguagem não-arbitrária, de contornos perfeitamente delineados e isenta de ambigüidades. Mas a realização desse sonho não foi conseguida nem sequer pelo fictício Menard que, "Como poeta e

---

ILHA DO DESTERRO, Nº 17, 1º semestre de 1987. pp.111-113

tradutor constantemente produz versões diferentes do 'mesmo' texto" (p.18). A impossibilidade dessa linguagem é salientada pela obra "invisível", subjacente na tradução.

Por conseguinte, a idéia de tradução apenas como transferência de significado é incompleta. Dificilmente a passagem de uma para outra língua realiza-se integralmente, como acontece, por exemplo, com "Workshop - Oficina", título do presente livro.

Uma concepção mais atualizada de tradução seria melhor expressada com a metáfora do **palimpsesto**. A escassez de material de escrita experimentada antigamente fazia com que o pergaminho fosse "raspado novamente" e re-utilizado para receber outro texto. Algo semelhante ocorre na tradução: em certa medida essa é uma re-escritura, re-criação ou interpretação do texto "antigo".

Se a tradução de textos comuns é problemática, a de textos literários é ainda mais. Chega-se até a falar desses textos como **intraduzíveis**. Quando forma e conteúdo são consubstanciais, é impossível mexer em um deles sem atingir também o outro. Todavia, antes de falar da tradução de textos literários convém levar em conta que a **literalidade** depende da abordagem que a comunidade interpretativa faz do texto. O fato de um escrito ser abordado como poético ou não, é determinado não só pelo autor mas também pelo espírito com que é encarado. Na tradução esse é um detalhe de enorme importância, pois daí dependerá o emprego de uma ou de outra palavra (a Autora ilustra este aspecto com alguns exemplos).

É na tradução de textos poético-literários onde o tradutor enfrenta os maiores desafios. Exige-se dele, portanto, muito mais do que o simples conhecimento das línguas em questão. É aqui propriamente onde ele é chamado a compartilhar o mérito artístico do autor — caso conseguir verter na língua — meta a riqueza do texto original.

Um outro fator a levar-se em consideração é o fato que nem o autor nem o tradutor do texto agem no vazio; ambos são entes históricos e expostos a mil e uma influências. A visão que o poeta tenha do mundo marcará profundamente sua poesia; o mesmo pode afirmar-se (*mutatis mutandis*) do tradutor. Contudo, para evitar o relativismo subjetivista precisa ter presentes certos critérios de fidelidade. "Além de ser fiel à leitura que fazemos do texto

de partida, nossa tradução será fiel também a nossa própria concepção de tradução" (p.44). Devem-se respeitar igualmente os objetivos que o autor se propõe na obra literária.

Enfim, se a tradução leva o selo de temporalidade e não escapa a influências da época, deve-se admitir também seu caráter de **provisoriidade**. Se há textos chamados de "imortais", não pode-se dizer a mesma coisa a respeito da tradução, pois ela será sempre perfectível.

Em seguida, a Autora passa da teoria para a prática, analisando o poema **ÁPORO** de Carlos Drummond de Andrade e apresentando uma leitura crítica da tradução em inglês do mesmo texto (Nº 5). O Nº 6 é dedicado a "exercícios de tradução", baseados em poesias em português e inglês com suas respectivas traduções. Assinalam-se os acertos e desacertos daquelas, e propõem-se as alternativas mais adequadas.

A abordagem que a Professora Rosemary Arrojo faz da tradução em **OFICINA DE TRADUÇÃO** leva em conta as principais teorias lingüísticas modernas. Chama a atenção para a insuficiência da teoria que considera a tradução como uma simples transferência de significado e frisa a complexidade do processo tradutório, equiparável ao mesmo ato criativo que gerou a obra literária. O tradutor bem sucedido, embora não consiga personalizar o autor do texto como pretendia fazer Menard, tentará pelo menos imbuir-se do seu "espírito", compreender e transmitir a sua visão da realidade.

Entre as limitações do livro pode-se mostrar uma certa dificuldade para acompanhar o desenvolvimento da discussão especialmente no capítulo 2, sobretudo para quem não possua conhecimentos prévios. Além disso, o leitor que procura informação sobre tradução em geral — em consonância com o título do livro — pode ficar desiludido ao constatar que o foco da discussão é o texto literário ou poético. Finalmente, a única língua estrangeira a que o texto faz referência, seja como ponto de partida, seja como língua-alvo, é o inglês.